UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: LEITURAS DISSONANTES DA PRÁTICA ESCOLAR

Glauciele Ariane Aparecida Cordeiro de Oliveira[1]
Fernanda Berthe Figueiredo

Resumo: Esse estudo buscou explorar e dividir experiências de professores acerca do tema dificuldades de aprendizagem. As reflexões de Patto (1993) e de Charlot (2000) sobre a história do fracasso escolar e as práticas docentes na produção do mesmo, destacaram a importância em incorporar leituras dissonantes do ambiente escolar, considerando uma prática que olhe para as diferenças.
Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagens; educação; fracasso escolar; leituras dissonantes; práticas educativas.

Introdução

A patologização do processo de aprendizagem surge de maneira crescente buscando explicar o fracasso escolar como o resultado dos distúrbios neurológicos apresentados pelos alunos. Práticas educativas passam a ignorar as diferenças e a escola vive um processo de homogeneização da sala de aula. Dessa forma é de grande relevância propor algo que busque repensar as ações dentro da sala de aula, incorporando leituras distintas do ambiente escolar, considerando um olhar para as diferenças, dando voz aos que são excluídos por não se encaixarem em padrões estabelecidos.

O presente estudo tem como sujeito de pesquisa o docente dos anos inicias do Ensino Fundamental da rede pública da cidade de Cambé, Paraná e sua relação com as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar, portanto o propósito desse trabalho é abordar a temática sobre as dificuldades de aprendizagem encontradas pelo professor no seu cotidiano escolar, bem como proporcionar discussões que compreendam através do olhar docente as distintas maneiras de aprender ou quais determinantes direta ou indiretamente influenciam e podem ser apontados para a não aprendizagem. Este estudo tem como objetivo e finalidade, explorar e dividir experiências educacionais de professores acerca da temática, de forma a abarcar um contexto sob uma visão sistêmica e, assim, poder ressignificar as dificuldades apontadas pelos docentes no ambiente escolar.

Quanto a metodologia dessa investigação, realizou-se uma roda de conversa afim de contextualizar as dificuldades de aprendizagem geralmente apontadas por professores, estimulando os docentes a trazerem os desafios encontrados em sala de aula. A discussão proposta abordou assuntos do cotidiano docente e da escola e foi iniciada com a seguinte questão “De quem é a culpa quando o aluno não aprende?”. A ideia foi aproximar o professor do objeto do conhecimento em si - no caso, as dificuldades de aprendizagem. A própria conversa proporcionou uma reflexão sobre as melhores condições para uma ressignificação da prática educativa buscando ampliar a compreensão dos professores sobre as dificuldades de aprendizagem, abrindo espaços para discussões colaborativas, compreendendo a necessidade de cada criança, sem desconsiderar o sistema no qual está inserida.

O ponto de partida para as reflexões foram as concepções de Patto (1993) e de Charlot (2000) sobre a história do fracasso escolar e as práticas docentes na produção do mesmo. Como resultados principais, pôde ser constatado que muitos professores possuem fundamentação

[1] *E-mail:* glaucy_ariane@hotmail.com.

teórica insuficiente para superar as dificuldades de aprendizagem presente no sistema educacional brasileiro e que de fato é de grande relevância propor uma prática que busque repensar as ações dentro da sala de aula incorporando leituras dissonantes do ambiente escolar.

Fundamentação Teórica

Para compreender a relevância desse tema, num primeiro momento, se faz necessário entender as diferentes explicações ideológicas dadas ao longo da história da educação para justificar o fracasso escolar.

Dessa forma entende-se que o fracasso escolar pode ser caraterizado pelas altas taxas de reprovação, evasão e repetência no contexto escolar que se sustentam quase que inalterados durante varias décadas (FACCI e EIDT, 2011). De acordo com Meira (2012), a exclusão no sistema educacional brasileiro tem uma longa história. A autora ressalta que, a princípio, a exclusão se expressava na dificuldade de acesso à escola, principalmente nas regiões mais pobres do país. Posteriormente, ela se manifestava em elevados níveis de evasão e repetência. Atualmente, a exclusão se revela de modo mais sutil, embora não menos violento, por meio da permanência de crianças e jovens nas escolas por longos períodos de tempo que nunca chegam a se apropriar de fato dos conteúdos escolares.

Na mesma direção, Gualtieri e Lugli (2012) ressaltam que a incapacidade que a escola tinha em promover o processo de apropriação de conteúdos escolares em seus estudantes era camuflada ao longo do processo de escolarização, pois os que não aprendiam eram excluídos no decorrer do processo, transferindo essa incapacidade para os alunos. Isso continua acontecendo até hoje.

Algumas teorias no decorrer da história buscavam justificar o fracasso escolar apontando as características individuais dos alunos, uma delas era a "teoria do dom", que entende que cada um de nós nasce com um talento inato, um dom para realizar determinadas atividades. Essa teoria facilitou uma reorganização hierárquica no interior do processo educacional no Brasil, sendo que a psicologia foi a ciência que mais contribuiu na busca da identificação das diferenças individuais entre as crianças, utilizando testes psicométricos que avaliavam o potencial dos alunos (SOUZA et al., 1989). Esses instrumentos eram utilizados para selecionar as crianças em grupos homogêneos, nos quais eram separados em crianças com facilidade em aprender e crianças que apresentavam dificuldades, tornando-se assim uma "escola sob medida" (GUALTIERI; LUGLI, 2012, p. 21). As crianças que apresentavam menos aptidões eram encaminhadas para atendimento psicológico e pedagógico.

> A aprendizagem e o consequente prosseguimento no processo de escolarização dependiam, portanto, das "aptidões naturais" reveladas, o que explicava o ideal da pirâmide educacional: pouca escolarização para muitos e muita escolarização para poucos (GUALTIERI; LUGLI, 2012, p. 18).

As salas de aula eram compostas por alunos com níveis de inteligência e aptidões semelhantes. As classes com "uniformidade mental" constituíam uma estratégia para enfrentar o problema da repetência e dos chamados "retardados pedagógicos" (GUALTIERI; LUGLI, 2012).

Outra justificativa para o fracasso escolar observada nos diversos níveis socioeconômicos foi produzida nos Estados Unidos na década de 1960 do século XX e passou a ser conhecida no Brasil a partir da década de 1970 como a teoria da carência cultural. Essa concepção se apresenta sob duas formas ou versões: do déficit e da diferença.

A versão do déficit ou deficiência baseia-se no pensamento de que a classe desprivilegiada da população vive em uma situação precária e, portanto, essa carência ocasiona deficiência de linguagem, deficiências sociais, motoras, afetivas etc. Assim, essa parte da população, por vivenciar um ambiente desprovido de estímulos e de experiências distintas dos padrões culturais dominantes, não teriam as habilidades e conhecimentos necessários para a vida escolar.

Já a versão da diferença defende que a classe desprivilegiada acumularia experiências que a auxiliariam somente em seus ambientes extraescolares, sendo desnecessárias e irrelevantes para a vida escolar. Dessa maneira, as crianças não conseguiriam aproveitar a possibilidades que a escola tinha para lhes oferecer e, portanto, a escola seria inadequada para a criança vinda dessa classe. Desse ponto de vista, o fracasso escolar seria explicado pelo fato de as classes sociais desprivilegiadas economicamente terem uma cultura diferente, não se adequando a escola.

Na perspectiva da teoria da carência cultural, o fracasso escolar é entendido apenas como algo individual da criança e de sua família, desconsiderando as práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar e a lógica de produção da exclusão inerente ao sistema capitalista. Contrariando esse posicionamento, Souza (1989) afirma que:

> [...] o bom ou mau desempenho não pode ser atribuído apenas a características individuais ou familiares, mas há de se entender como tem se desenvolvido as relações cotidianas entre as pessoas e entre os diferentes grupos no interior das escolas (SOUZA et al., 1989, p. 127).

Segundo Collares e Moysés (1994), os problemas no processo de escolarização seriam reduzidos apenas a características individuais. Questões sociais, econômicas, políticas e históricas seriam facilmente desconsideradas.

Metodologia

Segundo Lüdke & André (2013), para se realizar uma pesquisa é necessário fomentar o confronto de dados e informações coletadas sobre determinada realidade e o conhecimento teórico acerca do assunto.

A pesquisa de abordagem qualitativa, caracteriza-se como a mais adequada para o desenvolvimento do presente estudo, pois o propósito não é contabilizar quantidades como resultado, mas sim conseguir compreender o comportamento de determinado grupo.

Nesse sentido, foi realizada uma roda de conversa com 5 professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e buscando fomentar discussões e reflexões foi realizada a seguinte pergunta aos docentes “De quem é a culpa quando o aluno não aprende?.” Essa questão buscou investigar as concepções dos mesmos em relação ao fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem, visando assim compreender como um dos atores sociais mais relevantes para o processo educativo entende e age sobre tal fenômeno.

Como forma de sistematização das reflexões realizadas nessa roda de conversa será apresentado trechos das falas dos docentes, que serão identificados como P1, P2, P3, P4 e P5.

Discussão e Análise

Sendo o fracasso escolar concretizado pelo distanciamento entre a realidade do aluno e os conteúdos escolares, que por sua vez são aplicados de maneira que não trazem sentido ou significado ao educando, este passa a não acreditar que estes conteúdos serão utilizados em sua vida cotidiana.

Acredita-se que inúmeras sejam as justificativas dos docentes para a produção do fracasso escolar bem como os motivos pelos quais o aluno não aprende, seja pela falta de interesse por parte do aluno em aprender ou até mesmo pela desmotivação ou descontentamento dos professores frente a intensificação de seu trabalho.

Desse modo, a discussão proposta abordou assuntos do cotidiano docente e da escola e foi iniciada com a questão, "De quem é a culpa quando o aluno não aprende?". P1 iniciou relatando que, " Pode ser devido a falta de responsabilidade da família, que não estimula e não proporciona momentos de aprendizagem com a criança, ou até mesmo o professor que não tem propriedade do assunto."

Em seguida P2 buscando relacionar a discussão com a realidade em que sua escola esta inserida concluiu dizendo que "O aluno não aprende por uma série de fatores como desnutrição, condições sócio-econômicas, família em conflito, transferência de uma escola para outra, escola sem recursos adequados."

O professor P3 disse que em sua opinião diversos fatores se acumulariam e prejudicariam a aprendizagem do aluno e que geralmente a culpa acabaria sendo do professor e o professor P4 completou a fala anterior dizendo que "O não aprender na maioria das vezes não pode ser visto como culpa, pois muitos são os motivos que fazem o aluno não aprender, em muitos casos o aluno possui algum distúrbio de aprendizagem que ainda não foi diagnosticado."

A fala do professor P5 conclui a discussão acerca da primeira questão central da roda de conversa, dizendo que "Devemos considerar também que existem problemas de ensinagem por parte dos professores que adotam metodologia muitos distante da realidade do aluno."

As discussões proporcionaram diversas reflexões sobre as melhores condições para uma ressignificação da prática educativa e foi constatado na fala dos próprios professores que houve uma ampliação da compreensão dos docentes acerca das dificuldades de aprendizagem de seus alunos.

Portanto, é de suma importância um olhar atento ao aspecto docente, quanto organização do trabalho pedagógico e formação continuada, bem como o planejamento e a organização do trabalho do professor, pois estas são condição essenciais para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Considerações finais

Após a roda de conversa foi possível concluir que os professores muitas vezes colocam no aluno ou na família responsabilidade do não aprender, desconsiderando muitas vezes o sistema no qual está inserida. Ao final da roda de conversa foi mencionada a necessidade de mais espaços de discussões colaborativas, e a falta de formação continuada pois é importante pensar em possíveis soluções para um problema tão complexo que perdura há séculos na educação brasileira.

Assim, concluímos que é importante que o professor tenha clareza quanto aos conteúdos, traçando objetivos a serem realizados, e também procedimentos metodológicos que vão ao encontro da compreensão do aluno. É necessário que o docente utilize de instrumentos adequados e principalmente, avaliar o educando numa perspectiva emancipatória.

Desse modo, foi possível constatar que muito se fala sobre o fracasso escolar dentro da escola, porém pouco se reflete ou é proporcionado momentos que busquem repensar as ações dentro de sala de aula incorporando leituras dissonantes do ambiente escolar.

Referências

CHARLOT, B. *Da relação com o saber:* Elementos para uma teoria. 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (a patologização da educação). *Ideias***,** São Paulo, v. 23, p. 25-31, 1994.

FACCI, M. G. D.; EIDT, N. M. Formação do psicólogo para atuar na instituição de ensino: a queixa escolar em questão. In: _____. *Psicologia e educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 129-156. (Série Abeo Formação).

FREITAS, H. C. L. A reforma do ensino superior no campo da formação dos profissionais da educação básica: As políticas educacionais e o movimento dos educadores. *Educação & Sociedade*, ano XX, p. 17-44, 1999.

GUALTIERI, R. C. E.; LUGLI, R. G. Fracasso escolar em retrospectiva. In: _____. *A escola e o fracasso escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D, A. *Pesquisa em Educação:* Abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E. P. U., 2013.

MEIRA, M. E. M. Incluir para continuar excluindo: a produção da exclusão na educação brasileira à luz da psicologia histórico-cultural. In: MEIRA, M. E. M; FACCI, M. G. D.; TULESKI, S. C. (Org.). *A exclusão dos "incluídos":* uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2012. p. 75-106.

PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar:* histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993. v. 6.

SOUZA, M. P. R. et al. A questão do rendimento escolar: mitos e preconceitos. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, a. 15, n. 2, p. 188-201, jul./dez. 1989.